
Análise da cobertura jornalística do Campeonato Alagoano de futebol de mulheres em Alagoas (2021–2024)¹

Carla Carolina da Silva Malta²
Anderson David Gomes dos Santos³
Maria Eduarda Silva Lima⁴
Laura Gabrielle Nascimento⁵
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Resumo

A pesquisa analisa a cobertura jornalística do Campeonato Alagoano de Futebol de Mulheres (2021 a 2024) nos sites alagoanos GE/AL e Gazetaweb e no programa esportivo televisivo Globo Esporte Alagoas (TV Gazeta/Rede Globo), contextualizando o papel da mídia na visibilidade de pautas de gênero no esporte. Para isso, recorre-se à pesquisa documental e à análise de conteúdo, orientadas pela perspectiva crítica da Economia Política da Comunicação. Observa-se neste objeto de estudo a falta de maior e melhor cobertura de competições de futebol de mulheres em Alagoas.

Palavra-chave: Futebol de mulheres; Espacialização midiática; Alagoas; Economia Política da Comunicação e da Cultura.

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta apontamentos iniciais sobre a cobertura do Campeonato Alagoano de Futebol de Mulheres (2021-2024) em sites e programas esportivos de TV locais. Para isso, recorre-se à pesquisa documental de caráter comparativo e à análise de conteúdo, orientadas pela perspectiva crítica da Economia Política da Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do campus Maceió do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e graduada em Letras com habilitação em Português/Literatura pela mesma instituição, e-mail: carolina.malta@ifal.edu.br.

³ Professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), presidente da Socicom (Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação e coordenador do Grupo de Trabalho de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura da Intercom. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Crítica da Economia Política da Comunicação (Cepcom/UFAL), coordenador do Observatório das Transmissões de Futebóis e pesquisador da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme), e-mail: anderson.gomes@santana.ufal.br.

⁴ Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas – Ufal e colaboradora de iniciação científica do projeto Pibic-Ufal 2024-2025 “Os problemas da espacialização do futebol de mulheres no Brasil: Análise exploratória da cobertura midiática do Campeonato Alagoano (2021-2024)”. E-mail: maria.limal@ichca.ufal.br.

⁵ Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e bolsista Fapeal de iniciação científica do projeto Pibic-Ufal 2024-2025 “Os problemas da espacialização do futebol de mulheres no Brasil: Análise exploratória da cobertura midiática do Campeonato Alagoano (2021-2024)”. E-mail: laura.dantas@ichca.ufal.br.

Este texto parte da pesquisa de iniciação científica (Pibic-Ufal 2024-2025) "Os problemas da espacialização do futebol de mulheres no Brasil: Análise exploratória da cobertura midiática do Campeonato Alagoano 2021-2024".

FUNDAMENTAÇÃO

Souza (2021) explora como a teoria feminista questiona a separação entre público e privado, demonstrando a exclusão histórica das mulheres dos espaços de poder, inclusive midiáticos.

É possível observar os efeitos disso no futebol, como apontam Januário, Veloso e Cardoso (2016), que, ao analisarem a cobertura da Copa do Mundo FIFA 2015 de Futebol Feminino em portais pernambucanos, observam casos de estereótipos e sexismo. Com a lógica da Indústria Cultural de padronização de conteúdo a partir de dados interesses político-econômicos, entende-se o porquê de a representação da modalidade ainda carregar esses traços (Bolaño, 2004).

Leal e Mesquita (2023) indicam que alterações nos critérios de noticiabilidade no jornalismo esportivo possibilitaram a compreensão de como o futebol de mulheres ainda é pouco valorizado nos meios tradicionais, apesar das mudanças sociais e tecnológicas.

É preciso considerar ainda, como apresentado por Goellner e Kessler (2018), que houve exclusão das mulheres do futebol por quase 4 décadas no Brasil. Segundo as autoras, mesmo após a revogação, os estigmas de gênero continuam presentes na cobertura midiática, que prioriza aparência e sexualização em detrimento do desempenho esportivo.

ANÁLISE DOS SITES

De 2021 a 2024, a cobertura jornalística do Campeonato Alagoano de Futebol Feminino nos portais *GazetaWeb* e *GE/AL* foi marcada por lacunas e pequenos avanços.

Em 2021 e 2022, não foram encontradas publicações sobre a competição. Já em 2023, houve leve progresso, com algumas matérias pontuais no *Globo Esporte AL*, mas concentradas nas fases finais.

Em 2024, o padrão se repetiu, com publicações esparsas nos mesmos veículos, majoritariamente no período das semifinais e final. Mas o *GazetaWeb* foi o único a oferecer um destaque maior, publicando 6 matérias sobre a competição. Todas escritas por homens e, além disso, eram menos detalhadas, geralmente limitadas a descrever jogos.

ANÁLISE DOS PROGRAMAS TELEVISIVOS

Entre os programas esportivos analisados, apenas o *Globo Esporte Alagoas* (TV Gazeta/Rede Globo) apresentou episódios acessíveis dentro do recorte temporal proposto, sendo, portanto, a única fonte com registros disponíveis, acessados via plataforma Globoplay.

Com a observação dos diferentes anos, identificam-se constantes oscilações e inconsistências, sem indicar uma trajetória de crescimento contínuo na cobertura midiática da competição.

O uso de modelos de produção alinhados aos padrões da Rede Globo permite certo padrões tecnoestético, mas ainda se mostra insuficiente para garantir uma cobertura inclusiva. Notou-se um padrão de cobertura que prioriza o desempenho e restringe a visibilidade às equipes semifinalistas e clubes com menos destaque na modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta por mais visibilidade e representatividade para o futebol de mulheres de Alagoas deve ser vista como parte de uma crítica mais ampla aos mecanismos de poder, à Indústria Cultural e ao patriarcado. O aumento da diversidade, ainda, precisa ser visto com cuidado, dentro da contradição economia-cultura que demarca a subsunção do trabalho capitalista.

Essa falta de consistência no torneio destaca a resistência das práticas jornalísticas tradicionais e a necessidade de um maior comprometimento com a inclusão e a visibilidade do futebol de mulheres. Por enquanto, confirma-se a hipótese de falta de tentativa de dar visibilidade ao futebol de mulheres em Alagoas.

Referências

BOLAÑO, C. R. S. Indústria Cultural e Capitalismo Monopolista no Brasil. In: _____. **Mercado Brasileiro de Televisão**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004. p. 31-54.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, abr./jun. 2018.

JANUÁRIO, S. P.; VELOSO, A. M. C.; CARDOSO, L. C. F. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**. v. 18, n. 1, p. 168-184 jan-abril 2016.

LEAL, D.; MESQUITA, G. B. Entre o objetivo e o subjetivo: a presença de novos valores-notícia no jornalismo esportivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n. 1, mar./jul. 2023.

SOUZA, R. M. de. Contribuições da Teoria Feminista para o debate sobre a Esfera Pública e a Forma-comunicação. In: LOPES, I. da S.; ALMEIDA, V. C. (Orgs.). **Subversão epistêmica: gênero e raça na economia política da comunicação**. Natal: Editora Xeroca! Ulepcc-Brasil, 2021. p. 79-88.